

Janela de Diálogo 05 - Pode a/o licenciada/o falar?

*Flávia Roldan Viana
Jenipher Alyssa de Lima Silva
Joyce Targino Alves
Judson Bezerra de Andrade
Karine Maria Lima Lopes
Yasmim Azevedo da Silva*

05

Atendendo às necessidades de nossos tempos e ciente do quanto ainda há para avançar no intuito de estabelecer pontes e de dar as mãos para superar um período que foi tão incerto e turvo, o nome de Paulo Freire não esteve presente apenas como uma homenagem, suas ideias e obras inspiraram desde a escolha do formato até a proposta dos temas que foram discutidos, e, dessa forma, a janela de diálogos 5, trouxe o tema “Pode o/a licenciando/ a falar”? com a participação de 5 estudantes dos cursos de Licenciatura da UFRN.

Essa escuta nos permitiu olhares plurais e entendimentos multidisciplinares sobre a formação de professores/as a partir da fala, oral ou sinalizada, dos/as próprios/as licenciandos/as. Há muito se discute a relação teoria e prática como dimensões indissociáveis dos estágios. Se o conhecimento teórico supõe a elaboração ou reelaboração de algo pelos estudantes estagiários, tal ação é perpassada pelo exercício da prática, que pode ser compreendida como a ação da busca por elementos conceituais que ajudem a extrair o significado das experiências exercitadas.

Nóvoa (1992, p. 03), coloca que é urgente “[...] (re) encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais permitindo aos educadores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro de suas histórias”. E foi o que Judson (estudante de Teatro) fez. Dentro de um cotidiano atribulado, de muitos afazeres domésticos e laborais, como bem representou no seu vídeo *Cotidiano*, era preciso se cumprir um estágio em formato remoto. A formação de ser professor acontece em processos individuais e coletivos, no qual sua própria história de

vida interfere nesse formar-se, assim como a presença do “outro”:

[...] mais do que ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um ‘não-eu’ se reconhece como ‘si própria’ [...]. Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética do no meu mover-me no mundo (FREIRE, 1996, p. 20-21).

E mesmo sendo remoto, o estágio foi aprendizagem mútua, para Judson e seus alunos, pois o desafio não foi só encarado, mas foi (re)inventado para torna-se um espaço produtivo e dialógico, desvelando as “certezas” que temos, enquanto professores, na tomada de decisões, e explorando os elementos fundantes do agir pedagógico que estruturam o fazer.

Esse redimensionamento da práxis pedagógica também foi lembrado na fala sinalizada de Jenipher Alyssa, aluna surda do Curso de Letras/Libras que, quando questionada de que modo os componentes presenciais e remotos que foram cursados ao longo do curso de licenciatura auxiliaram em sua atuação como professora, ela respondeu que as disciplinas do curso de licenciatura do Letras Libras são de fato um apoio para conseguir futuramente assumir o papel como professora, porque de fato, se não tivesse essas disciplinas, seria muito difícil. O componente de estágio obrigatório é de fato muito importante, ele dá o conhecimento, a oportunidade de colocar em prática o que se aprende na teoria nos outros componentes, isto é, permite, de fato, aprender, a colocar em prática como fazer educação de surdos.

Este depoimento foi reafirmado com a

fala de Joyce Targino, aluna do curso de Letras Português, e das graduandas do curso de História, Karine Lopes e Yasmin da Silva, que julgam que o domínio conceitual é essencial no processo de construção da atividade de ensino do professor. De acordo com elas, o contexto epistemológico, teórico e metodológico dos estágios permite que o/a licenciando vivenciar a prática pedagógica, potencializando o processo de formação e de conhecimento, porque tem na experiência sua base existencial. A prática profissional docente começa a fazer sentido, aprendizagens individuais mesclam-se com as aprendizagens coletivas, saberes são construídos e (re) construídos. É tempo, também, de aprendizagem e não, simplesmente, de colocar em práticas, as aprendizagens.

Para tanto, os estágios possibilitam aos licenciandos não apenas discutir e construir conhecimentos a partir das experiências registradas, mas, além disso, a identidade profissional vai sendo construída, à medida que estes compreendem que ser professor está para além do domínio dos conceitos e teorias.



Szymon Fisher/Unsplash

Deste entendimento surgiu a preocupação de Karine Lopes e Yasmin da Silva que se viram diante de uma proposta de trabalho interdisciplinar em formato remoto, em virtude da Pandemia da COVID-19, quando foi gestado o projeto “Memórias da minha comunidade na pandemia da COVID-19”, no qual os alunos da Educação Básica tinham que realizar entrevistas com membros da comunidade escolar, parente, amigos, pessoas do município, para, posteriormente, construírem documentários curtos, de 10 a 15 minutos, nos quais eles fariam uma narrativa com os dados que coletaram.

Experiência que se mostrou maravilhosa, segundo as licenciandas, porque, por meio dela, como coloca Karine Lopes, puderam conhecer os alunos e suas fragilidades (muitos alunos nem sequer falavam na sala de aula e, por meio do projeto, puderam se expressar e vivenciar uma prática educativa na qual eram protagonistas de fato, porque eles produziram conhecimento. Lembrando a grande escritora feminista ativista social estadunidense, bell hooks, destaca que é justamente isso que se precisa fazer, trazer as experiências dos alunos para que eles tomem posse do conhecimento e transgridam de certa forma uma prática de educação somente bancária, somente pautada no protagonismo do professor.

As vivências e reflexões que surgem dos estágios supervisionados, aliadas à riqueza de dados trazidos pelos alunos da educação básica em suas ações e depoimentos, também possibilitam aos/as estagiários/as uma percepção de si mesmos/as, na medida em que refletem sobre suas próprias atitudes e sobre seus processos de ensinar e aprender. Para

Yasmim Azevedo, nesse processo, o diálogo consistiu-se como elemento chave para que se conseguisse estimular o alunado a se sentir confortável em ser protagonista do seu próprio processo educativo. Os modos como vivenciam os espaços educacionais, conduzidos pelo/a professor/a supervisor/a e pelo/a orientador/a de estágio, constroem olhares investigativos/interpretativos sobre o fazer pedagógico. Permitem que surjam novos olhares e possibilidades de compreender o ofício de ser professor/a, diante das múltiplas realidades sociais e diferentes contextos geopolíticos que se descortinam, criando a necessária participação crítico-reflexiva (SCHÖN, 2000).

Ainda de acordo com Karine Lopes com a experiência vivenciada no estágio, percebeu-se a necessidade de transgredir, não no sentido de ignorar a instituição, as normas do estágio, mas como possibilidade de ressignificar a realidade na qual o estágio está inserida. São as vivências nos estágios que permitem a (re) criação; que permitem que se vá contra o conceito de aprendizagem como informação memorizada ou como um processo acumulativo de “inputs”; que permitem nos livrar de um ensino mecânico, estéril, sem vida, que impede que os conhecimentos adquiridos sejam reconduzidos para novos contextos. Assim, os estágios impõem desafios que colocam os licenciandos em território fértil, estimulando uma prática reflexiva e crítica, em contextos educacionais dentro e fora das salas de aula.

Entretanto, Franco (2012, p. 215) nos alerta: “[...] não nos iludamos: a prática não muda por decretos; não muda pela vontade expressa de alguns; [...]. Ela muda quando pode mudar, quando quer mudar, quando seus protagonistas

sentem e percebem a necessidade de mudanças”. Essa afirmativa se reverbera no depoimento de Jenipher Silva, quando se refere às questões de políticas inclusivas, tão necessárias e urgente ao público-alvo da Educação Especial. Ela diz que já se tem um Decreto, uma Lei que obriga a presença de profissionais, professores, intérpretes para promover acessibilidade para os alunos surdos e que houve uma grande melhora, pois muitas escolas já possuem a presença desses profissionais e têm aceitado contratar e se preocupam com a acessibilidade para os alunos surdos, mas destaca que ainda há um longo caminho a melhorar para se ter de fato de uma verdadeira inclusão.

Por fim, é preciso reafirmar que a escuta da fala dos licenciandos traz a certeza de que as mudanças que buscamos na formação inicial passa, necessariamente, por uma discussão sobre os estágios e seu papel formativo na reformulação do processo de ensinar e aprender, pois permite o/a licenciando/a desenvolver sua capacidade crítica de questionar, argumentar, investigar, analisar, avaliar e experimentar, numa perspectiva de pedagogia da ação comunicativa (BOUFLEUER, 2001).

Judson Andrade, ressalta que somos potência e precisamos desacostumar com algumas ideias, com olhares e com mundos. Existe mundo que vem muito antes do que já está aqui. Existem muitos conhecimentos que são importantes e que se aprende não no território da escola, mas a avó, a tia, a vizinha próxima da casa. Destaca que são pedagogias que estão presentes em todos os lugares: dentro da família, dentro de variados espaços e veiculadas por diferentes sujeitos, como a rezadeira, o mestre de coco, o mestre de congo,

o poeta que faz cordel. Os conhecimentos estão espalhados pela vida e temos de desacostumar nossos olhares e olhar para além, para o que geralmente não se vê como importante, mas que tem muita potência, pois todos são potências. Assim, entendemos, também, que experiências precisam ser partilhadas entre licenciandos e seus pares e entre docentes e discentes, viabilizando a produção de um conhecimento que construa um ensino capaz de romper com a padronização de modelos.

Referências

BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia da ação comunicativa**. 3.ed. Ed. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2001.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. A questão atual da Pedagogia: das utopias pedagógicas ao mal-estar da Pedagogia nas sociedades contemporâneas. In: FRANCO, M. **Pedagogia e prática docente**. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 37- 71.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

NÓVOA, António (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SCHÖN, Donald A. **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000, 256p.